



Projeto Nacional de Qualificação Profissional - CUT Brasil

Módulo 9:
Gestão & Alternativas de
Trabalho e Renda
Ensino Fundamental

Quem luta também
educa

CADERNO DE
ORIENTAÇÃO
METODOLÓGICA

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL,
ENSINO FUNDAMENTAL E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E
SOLIDÁRIO

2001

*Nós vos pedimos com insistência.
Não digam nunca: Isso é Natural !
Diante dos acontecimentos de cada dia
Numa época em que reina a confusão
E que corre sangue, em que o arbitrário tem força
de lei.
Em que a humanidade desumaniza
Não digam Nunca: Isso é natural !
Para que nada possa ser imutável*

Bertold Brecht

Aos Educadores,

A concepção cutista de auto-educação dos trabalhadores, tem se desenvolvido com a participação efetiva de todos. Essa mediação com a praxis, ou seja, com as atividades de todos os que fazem parte do Programa, é que faz que a nossa metodologia seja capaz de desvendar os processos reais e históricos enquanto resultados e enquanto condições da prática humana em situações determinadas. Portanto, jamais naturalizando as práticas vigentes na sociedade.

O complexo percurso formativo, coerente com nossa visão de educação, marcado pela abordagem dialética de construção e apropriação dos conhecimentos a partir da realidade, exige-nos atuar de forma sistemática e planejada para que possamos edificar parâmetros de avaliação e teorização de nossas práticas. Portanto, reafirmamos a necessidade da sistematização durante o processo educativo, e a importância da formação permanente, a fim de superar os desafios que emergem no nosso cotidiano.

A elaboração do material pedagógico é sempre um momento de síntese das experiências vivenciadas, por esse motivo só pode ser formulado no processo de desenvolvimento, jamais pode ser organizado sem as vivências que o alimentam, sem a mediação do real, o que seria puro idealismo.

A luta pelo fim da opressão e pelo início da emancipação, não nos poupa do rigor das análises e dos percalços da prática. A nossa metodologia, não é uma teoria acabada, mas vai se constituindo como possibilidade aberta para compreendermos, aqui e agora, a experiência da luta da nossa classe para nos educarmos. Acompanhando os movimentos de um educar-se que vai se realizando no contato com o mundo e com suas representações, alterando-o e alterando-nos.

Bom Trabalho!

SUMÁRIO

Apresentação

Área Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda

Módulo 9 - Ensino Fundamental

Objetivos Gerais.....	1
Objetivos Específicos.....	1
Temas.....	2
Fichas.....	2
Proposta de Abordagem do Módulo.....	3
Abordagem I.....	5
Abordagem II.....	19
Abordagem III.....	32

ANEXOS:

Ferreira, Oliveiros S. *Nossa América: Indoamérica*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1971. (anexo)

Imagens do desenvolvimentismo: pg.45;79;85 *Nosso Século* (vol.II 1945-1960).

MÓDULO 9: ÁREA GESTÃO & ALTERNATIVAS DE TRABALHO E RENDA

OBJETIVOS GERAIS:

Desenvolver o processo de ensino e aprendizagem que possibilite:

- A estudo dos modelos de desenvolvimento;
- O debate da história e organização das atividades produtivas;
- A introdução dos estudos sobre a história da América Latina nas suas dimensões culturais, econômicas, políticas;
- A problematização das relações contraditórias entre o modelo de desenvolvimento e alternativas de trabalho e renda;
- A análise das diferentes concepções de mundo fruto das relações de produção historicamente constituídas, tendo a categoria trabalho como fundante na mediação do homem com a natureza e na re/produção das relações sociais ;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Visa desenvolver junto aos educandos:

- O estudo sobre os modelos de desenvolvimento e dependência econômica;
- A análise dos determinantes que definiram o modelo de desenvolvimento no Brasil e as conseqüências da adoção desse modelo;
- O debate sobre a atual crise energética no Brasil e sua relação com o modelo de desenvolvimento adotado no Brasil;
- A problematização das diferentes formas de utilização dos números para uma leitura crítica de dados a partir de exercícios matemáticos com base nas situações concretas postas no cotidiano;
- O Estudo sobre a América Latina nas suas dimensões culturais, econômicas, políticas;
- O debate sobre os desdobramentos da organização do Mercosul e Alca: Integração *versus* absorção;
- A introdução da Língua Espanhola a partir de mediações com textos e músicas;

- O debate sobre as alternativas de renda e exploração;
- A análise da realidade a partir de nossas experiências e de nosso repertório construído através dessas vivências, sejam elas objetivas ou subjetivas, e determinadas pelas relações sociais que são fruto das relações de produção historicamente constituídas.

TEMAS:

- Modelos de Desenvolvimento
- América Latina
- Desenvolvimento X Crescimento Econômico
- Meio Ambiente
- Crise Energética
- Integração Regional dos Mercados: Mercosul e Alca
- Alternativas de Trabalho e Renda
- Trabalho, Cultura, Ideologia e Hegemonia

FICHAS DOS EDUCANDOS:

Ficha 1: Imagem: Usina Hidrelétrica de Tucuruí, elaborada pelos educandos Programa Integração/Intercategorias – Escola Sindical Amazônia

Ficha 2: Memórias Póstumas de Brás Cubas - Cap.VII, de Machado de Assis

Ficha 3: Acerca do Real, de Marilena Chauí

Ficha 4: Como a energia chega até nós

Ficha 5: Conta de Luz

Ficha 6: A incompetência da Natureza ou a natureza da incompetência: textos para reflexão

Ficha 7: Charges: "O luxo: entre 1956 e 1960 o Brasil alcança taxas espetaculares"; "50 anos em 51" e "Espere o bolo crescer"

Ficha 8: O Semeador, de Padre Antonio Vieira

Ficha 9: Música: Gracias a la Vida, de Violeta Parra

Ficha 10: Música: Recuerdos de Ypacaraí, de Zulema de Mirkin e Demetrio Ortiz

Ficha 11: Padrões de Dominação Externa na América Latina, de Florestan Fernandes

Ficha 12: Metáfora da Globalização, de Octávio Ianni

PROPOSTA DE ABORDAGEM DO MÓDULO

A área Gestão e Alternativas de Trabalho e Renda – está sendo tratada neste módulo a partir de recortes de uma problemática específica e muito atual, que é a crise energética articulada ao estudo sobre os Modelos de Desenvolvimento. É importante observar de início o conjunto das fichas propostas: sua principal característica continua a ser a diversidade das linguagens que contemplam e permitem partir da realidade concreta e significativa dos educandos, ampliando o repertório conceitual e as atividades de análise da realidade, e contribuindo para aprofundar conhecimentos em áreas específicas do conhecimento – como História, Geografia, Matemática, Ciências, Língua Portuguesa, Língua Espanhola, Filosofia entre outras – de forma integrada.

É possível identificar três abordagens: a primeira é a da discussão sobre a realidade brasileira atual, constituída pelas fichas 4, 5, 6 e 7; a segunda é a da América Latina, com as fichas 2, 9, 10, 11 e 12; a terceira, as discussões gerais sobre os princípios de análise dessas realidades (fichas 1, 3 e 8).

Vale lembrar que as discussões devem ser integradas, e que, portanto, podemos encontrar eixos de relação: note-se que a proposta parte das vivências dos educandos e os sujeitos sociais presentes ou representados nas fichas são considerados nas suas dimensões social e política.

A segunda abordagem, trata da América Latina e sua inserção no sistema capitalista internacional. Neste momento histórico, nós brasileiros “nos descobrimos” como sendo latino americanos, já que as economias dos países da região tentam um processo de união, ao mesmo tempo em que sofrem a ameaça de uma incorporação em bloco à Área de Livre Comércio das Américas.

O estreitamento dessas relações político-econômicas, nos convidam para aprofundar os laços culturais com os nossos vizinhos, para tal é importante conhecer aquilo que se pode chamar de realidade latino americana, entender porque formamos uma unidade, como nossas histórias são próximas.

Aprender a língua espanhola, falada por quase todos nossos vizinhos, é importante para que esta relação se enleie cada dia mais, para que possamos nos ver não como uma

realidade isolada, mas como parte de um sistema mundial único, no qual as divisões da sociedade, com sua dominação e exploração, se reproduzem do outro lado da fronteira tal como aqui, para que possamos facilitar a unidade entre as lutas dos trabalhadores que vivem de maneira parecida aqui e lá.

A terceira abordagem refere-se a questão da vivência social e a produção do conhecimento. Cada ficha selecionada para o trabalho inscreve-se nesse debate de forma privilegiada: o texto de Marilena Chauí afirma a perspectiva que orienta a análise da realidade em geral e situa as atividades e relações humanas que se constroem a partir do real; o sermão do Pe. Vieira indica a importância do sujeito e de sua atividade construtora da realidade.

A proposta de desenvolvimento que segue procura dar conta de cada conjunto de reflexões articulando-as às fichas específicas (a relação entre elas e cada uma em sua singularidade). Não esquecer: é importante que os educandos tenham logo de início uma visão do conjunto das fichas, manuseando-as, expressando suas primeiras impressões.

Ressaltamos, ainda, que os textos para subsidiar os desenvolvimentos temáticos estão, neste módulo, incorporados ao Caderno de Orientação Metodológica ou presentes em Cadernos de Subsídios anteriores, conforme as indicações.

ABORDAGEM I

Visa desenvolver junto aos educandos:

- O estudo sobre os modelos de desenvolvimento e dependência econômica;
- A análise dos determinantes que definiram o modelo de desenvolvimento no Brasil e as conseqüências da adoção desse modelo;
- O debate sobre a atual crise energética no Brasil e sua relação com o modelo de desenvolvimento adotado no Brasil;
- A problematização das diferentes formas de utilização dos números para uma leitura crítica de dados a partir de exercícios matemáticos com base nas situações concretas postas no cotidiano.

Materiais utilizados:

Ficha 6: A incompetência da Natureza ou a natureza da incompetência: textos para reflexão

Ficha 7: Charges: "O luxo: entre 1956 e 1960 o Brasil alcança taxas espetaculares"; "50 anos em 51" e "Espere o bolo crescer"

Ficha 5: Conta de Luz

Ficha 4: Como a energia chega até nós

Subsídios para os Educadores:

Arrighi, Giovanni. Trabalhadores do mundo no final de século. In: *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis: Editora Vozes. (Módulo 3)

Boito, Armando Jr. *O golpe de 1954: a burguesia contra o populismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Módulo 6)

Imagens do desenvolvimentismo: pg.45;79;85 *Nosso Século* (vol.II 1945-1960). Imagem da campanha estadual de Juscelino; Imagens da usina hidrelétrica de Paulo Afonso, excertos do texto que acompanha a ilustração e do texto do capítulo + imagem de Juscelino diante da hidrelétrica de Furnas e quadro de metas do programa

Desenvolvimento 1: “Modelos de Desenvolvimento para o Brasil”**Ficha 7 - Leitura do texto imagético e da História do Brasil: Modelos de Desenvolvimento nas charges**

A exploração do tema pode iniciar-se com a solicitação do educador para que os educandos observem as imagens da ficha 7 (Charges) e descrevam o que estão vendo: quantas personagens constituem cada uma, como são e o que essas personagens estão fazendo, onde estão, quais suas posições relativas, se existem outros desenhos além daqueles que representam pessoas (objetos, palavras, etc.). O importante é que o educador parta do repertório do educando e permita que ele se expresse, evitando induções. Quanto mais lúdica for essa “sensibilização”, melhor: mais questões surgirão, e mais idéias para alimentar o debate.

A discussão oral pode permitir ao educador encontrar a melhor forma de introduzir a análise das imagens: é possível iniciar comentando a natureza da representação, ou seja, o fato de as imagens serem charges, um tipo de representação criativa e crítica, que apresenta a realidade através de uma linguagem (imagem) cheia de significados que são enfatizados pelo humor. Essa forma possui uma capacidade expressiva muito grande.

As personagens representam ao mesmo tempo pessoas reais, sujeitos históricos objetivos, e aquilo que marca essencialmente sua atuação, na perspectiva de quem produz o registro (autor). Charges representam idéias acerca dos significados da atuação e das características desses sujeitos históricos: os representados (no caso, o presidente Juscelino e o ministro Delfim Neto) e os artistas que criam a representação.

Ao iniciar a análise com as imagens de cada charge, a idéia é explorar, entre outras coisas, a noção de um projeto de desenvolvimento baseado no capital externo investido aqui. É importante que o educador enfatize, na primeira charge, as palavras que aparecem, onde aparecem, as características do homem no centro do desenho (o sorriso, a postura), o que ele tem nas mãos, o que está abaixo dele, procurando, com os educandos, estabelecer ligações entre cada desenho e seu significado no conjunto, formulando hipóteses sobre os prováveis significados gerais da mensagem. Aos poucos, na medida em que os educandos solicitarem,

o educador pode introduzir as informações históricas sobre o período e o governante representados na charge.

A idéia central é que Juscelino (Presidente da República entre 1957-1961) tinha um projeto para o Brasil: de um lado, numa das mãos com uma cartola, ele apresenta uma construção, o simbolo da nova capital: Brasília, uma cidade que seria construída bem na região central do país, o que deslocaria o desenvolvimento para o interior; na outra mão, uma varinha de condão.

Ora, o que quer dizer o autor da charge? Ele apresenta Juscelino como um mágico, como alguém que tinha soluções mágicas para os problemas do país.

Neste momento, pode-se recuperar a história da capital, o contexto amplo no qual se insere, ou seja, a situação do Brasil e sua posição no contexto mundial. O projeto de industrializar rapidamente o país através da entrada maciça de capital estrangeiro pode ser sintetizado pelo slogan: "50 anos em 5".

Se os educandos fizerem já nesse primeiro momento analogias entre as representações e os respectivos períodos da história do Brasil representados, o educador pode abrir a discussão já nesse sentido, e reconhecer na charge a forma como o artista que a criou entendeu o significado do governo Juscelino. Caso contrário, é necessário ir discriminando cada detalhe da charge.

O mesmo deve ser feito com a segunda charge. Notar que nesse desenho Juscelino aparece sobrevoando suas conquistas, que parecem ser resultado de sua decisão, e não do trabalho de milhares de trabalhadores que migraram para construir Brasília, e de opções políticas que se traduzem em medidas. Notar também que ele é o representante de uma política populista, que mantinha o povo fora das decisões e dos grandes projetos nacionais, voltados para o desenvolvimento econômico. É importante também comparar esse projeto com o anterior, do Período Vargas, aproveitando as informações do texto abaixo para ilustrar as diferenças entre os projetos políticos e as medidas econômicas:

"Os esforços para a industrialização do Brasil quase sempre se chocaram com interesses de capitais estrangeiros, mais precisamente com interesses da Inglaterra e dos Estados Unidos, que se empenhavam em manter o mercado nacional como escoadouro de suas manufaturas. O conflito recrudescceu depois da Revolução de 1930, quando o Governo Getúlio Vargas, diante das dificuldades do balanço de pagamentos e da crise geral do capitalismo, passou a intervir diretamente na economia, tanto para regular as relações de

trabalho quanto para romper o bloqueio imposto pelos cartéis internacionais a setores básicos da produção.

Vargas, cuja ditadura refletia uma estratégia de compromisso, atrelou o proletário urbano à fração da burguesia vinculada ao mercado interno, mediante legislação social, e atribuiu ao Estado decisivo papel no desenvolvimento do País, explorando as contradições interimperialistas para concretizar importantes empreendimentos, como a implantação da primeira usina siderúrgica nacional, em Volta Redonda. Deposto com o aval de Washington por um golpe de Estado, em 1945, voltou ao poder, através do voto, e tratou de consolidar o processo de industrialização, retornando a orientação nacionalista que o Governo do Marechal Eurico Dutra interrompera.

Assim, a partir de 1951, Vargas instituiu o monopólio estatal do petróleo, elaborou o projeto da Eletrobrás, negociou a compra de tecnologia nuclear alemã. Tais iniciativas, objetivando a equacionar os problemas de energia, a induzir a fabricação de máquinas e equipamentos no Brasil, orientando a industrialização para os setores de base e para a produção de bens de capital. "

Moniz Bandeira. O modelo Vargas

Esta última charge representa o ministro do planejamento e economia Delfim Neto, desenvolvendo a política econômica do período da ditadura militar. É o "milagre brasileiro", orquestrado pela tecnoburocracia representada aqui por Delfim.

A charge tem no centro uma figura estereotipada: um homem vestido como uma cozinheira, de óculos – mas sem olhos – carregando no avental a chave do forno que está cheio de dinheiro. Sua atitude é a de fechar a porta desse "cofre" para "fazer o bolo crescer", antes de ser dividido. Note-se que o "guarda-cofre" parece ter autoridade (dedo em riste) para "fazer o bolo" e para dividi-lo. Importante notar que há um outro homem magro, com um prato e um talher nas mãos, pobremente vestido, que parece aguardar a sua parte na divisão do que está sendo produzido. Notar também que o autor das charges representa sempre um diretor e um *câmera men*, que assistem e gravam essas "encenações" para a TV HdoB (História do Brasil).

Para introduzir ou até mesmo sistematizar a análise do conjunto das charges pode-se abordar questões como:

- O que as charges têm em comum?
- O que têm de diferente?
- As personagens são as mesmas, fazendo coisas diferentes, ou são personagens diferentes, fazendo as mesmas coisas?

Desenvolvimento 2:

Utilizar a **Ficha 6**: A incompetência da Natureza ou a natureza da incompetência e explorar os textos para reflexão (Texto 1: Luiz Pinguelli Rosa e Texto 2: Rodolpho Torinho) constantes nesta ficha e que podem aprofundar a discussão sobre o modelo de desenvolvimento existente no país e suas contradições, bem como sua relação (proximidades e distanciamentos) com os modelos anteriores (período Juscelino, Vargas e ditadura militar).

Estudo dos Textos:

O estudo dos textos pode ser realizado por grupos diferentes, depois de leitura individual. É importante que o educador oriente estratégias de estudo para que os educandos aprimorem a leitura crítica e análise da realidade com base nas informações e conhecimentos que estão se apropriando e suas reflexões acumuladas. Por exemplo, pode-se pontuar alguns aspectos referente a leitura que são imprescindíveis para um melhor entendimento do texto, considerando que nenhum texto é neutro, sua elaboração envolve vários aspectos: o posicionamento político/ ideológico do autor ou da instituição a qual representa; o contexto político-social; etc. Neste sentido alguns procedimentos facilitam explorar um texto bem como organizar sistematicamente as idéias para análise dos conteúdos e produção de novos conhecimentos, como: identificar o tema - assunto - tese - argumentos; buscar confrontar argumentações nos diferentes textos; identificar e relacionar informações contidas no texto; identificar a posição político-social do autor e origem (institucional) do texto. No primeiro contato com o texto, é importante que os educandos estabeleçam uma metodologia de leitura através de marcações no texto a partir de critérios construídos coletivamente.

Por exemplo, para os termos e conceitos desconhecidos (demanda, crise e potência instalada, FMI, privatizações, apagões) - sublinhar com caneta azul; para marcar palavras-chaves ou fragmentos importantes-sublinhar com caneta vermelha.

Numa segunda leitura mais detalhada pode-se trabalhar cada parágrafo ou pequeno grupo de parágrafos procurando um título que sintetize a idéias centrais contida nesses trechos estudados.

Todos estes registros podem ser trabalhados mais detalhadamente após a sistematização deste primeiro momento do estudo.

É importante também que os educandos exercitem a escrita. Por isso, é interessante propor a exploração dos textos a partir de questões (segue abaixo sugestões) para serem analisadas e fundamentadas por escrito.

Para finalizar o trabalho de estudo da ficha pode-se elaborar um roteiro para organizar um quadro comparativo com as visões de cada autor. Esse trabalho de síntese pode auxiliar no debate em plenária .

1. Quais os principais argumentos dos autores quanto ao problema energético?
2. Quais dados são citados por ambos?

Luiz Pinguelli	Rodolpho Torino
1.	1.
2.	2.

Debate em plenária: A crise energética

- Comparar as perspectivas de análise e as conclusões e as opiniões da turma acerca do tema.
- Sistematizar os pontos principais do debate: os consensos e polêmicas
- Na finalização deste momento da abordagem, é possível solicitar a elaboração de charges procurando articular aos conteúdos desenvolvidos no trabalho com as charges e a discussão sobre a crise de energia, que pode ser a tradução em imagens da forma como os educandos estão vivenciando esse momento, seu grau de informação e de crítica sobre a questão.

Considerações acerca dos textos:

O que se pode observar nos textos é que os autores partem de dados semelhantes quanto à questão das reservas e capacidade de produção de energia hidrelétrica, mas diferem quanto aos dados sobre defasagens anteriores e as medidas para a solução do problema. É

importante debater sobre o peso conferido pelos autores à relação entre crise energética e política.

Os argumentos dos autores para explicar as razões da crise energética, revelam os fundamentos neoliberais que marcam o atual governo (privatizações, desnacionalização de grande parte dos investimentos em setores essenciais da economia, oferta-demanda, etc.). Por outro lado, subsidiam também a discussão específica sobre a questão energética e a crise. Dispomos a seguir, algumas informações adicionais sobre as fontes de energia para auxiliar na exploração da ficha.

AS FONTES DE ENERGIA TRADICIONAIS...
<p>CARVÃO MINERAL Popularizado a partir da Revolução Industrial, o carvão mineral é responsável por 40% da produção total de energia no mundo. No atual ritmo de consumo, as reservas conhecidas são suficientes para mais dois séculos. PRÓ: é abundante, encontrado com facilidade na maioria dos países. CONTRA: o carvão mineral é o mais poluidor entre os combustíveis fósseis.</p>
<p>PETRÓLEO Responde por 40% de toda a energia produzida no planeta. Ainda não se encontrou substituto mais eficiente e barato para a gasolina usada nos automóveis. PRÓ: funciona bem na maioria dos motores e, apesar das oscilações de preço, mantém boa relação custo-benefício. CONTRA: as reservas concentram-se em poucos países, que podem manipular o preço. É um dos maiores poluidores do ar.</p>
<p>GÁS NATURAL Ao contrário do que se pensava há duas décadas, as reservas desse combustível fóssil são abundantes. A produção deve dobrar até 2010. É cada vez mais usado para gerar eletricidade. PRÓ: é versátil, de alta eficiência na produção de eletricidade e não vai faltar. Polui menos que o carvão e o petróleo. CONTRA: os preços instáveis em algumas regiões; exige grandes investimentos em infra-estrutura de transporte (gasodutos ou terminais marítimos).</p>
<p>HIDRELÉTRICAS As usinas respondem por 18% da energia elétrica global. São responsáveis pelo fornecimento de 50% da eletricidade em 63 países e por 90% em outros 23, entre eles o Brasil. PRÓ: são uma fonte de energia renovável, que produz eletricidade de forma limpa, não poluente e barata. CONTRA: exigem grande investimento inicial na construção de barragens. Podem ter a operação prejudicada pela falta de chuvas.</p>

ENERGIA NUCLEAR

Apesar da chiadeira dos ambientalistas, é a terceira maior fonte de geração de eletricidade. Há 438 usinas nucleares em operação, seis delas recém-inauguradas (uma na República Checa, uma no Brasil, três na Índia e uma no Paquistão).

PRÓ: as reservas de combustível nuclear são abundantes, não emite poluentes, o avanço tecnológico tornou as usinas mais seguras.

CONTRA: a usina exige grande investimento, demora para entrar em operação e produz lixo radiativo. Sofre o estigma de acidentes, como o de Chernobyl.

...e as alternativas**EÓLICA**

É a fonte de energia alternativa com maior taxa de crescimento. Ainda assim, só entra com 0,1% da produção total de eletricidade. É a favorita dos ambientalistas.

PRÓ: poluição zero. Pode ser complementar às redes tradicionais.

CONTRA: instável, está sujeita a variações do vento e a calmarias. Os equipamentos são caros e barulhentos.

GEOTÉRMICA

Aproveita o calor do subsolo da Terra, que aumenta à proporção de 3 graus a cada 100 metros de profundidade. Representa apenas 0,3% da eletricidade produzida no planeta.

PRÓ: custos mais estáveis que os de outras fontes alternativas. É explorada nos Estados Unidos, Filipinas, México e Itália.

CONTRA: só é viável em algumas regiões, que não incluem o Brasil. É mais usada como auxiliar nos sistemas de calefação.

SOLAR

Ainda não se mostrou capaz de produzir eletricidade em grande escala. A tecnologia deixa a desejar e o custo de instalação é alto. Para produzir a mesma energia de uma hidrelétrica, os painéis solares custariam quase dez vezes mais.

PRÓ: útil como fonte complementar em residências e áreas rurais distantes da rede elétrica central. Índice zero de poluição.

CONTRA: o preço proibitivo para produção em média e larga escalas. Só funciona bem em áreas muito ensolaradas.

BIOMASSA

Agrupa várias opções como queima de madeira, carvão vegetal e o processamento industrial de celulose e bagaço de cana-de-açúcar. Inclui o uso de álcool como combustível. Responde por 1% da energia elétrica mundial.

PRÓ: aproveita restos, reduzindo o desperdício. O álcool tem eficiência equivalente à da gasolina como combustível para automóveis.

CONTRA: o uso em larga escala na geração de energia esbarra nos limites da sazonalidade. A produção de energia cai no período de entressafra. Dependendo de como se queima, pode ser muito poluente.

EFICIÊNCIA

Melhorar a tecnologia de máquinas e os hábitos de consumo permite melhor aproveitamento da energia e reduz a poluição. No Brasil, perdem-se 13% da

eletricidade com o uso de equipamentos obsoletos. Em alguns países já estão rodando **carros híbridos**, que combinam gasolina e eletricidade.
PRÓ: é um modo sensato de poupar a energia disponível.
CONTRA: exige investimentos pesados em pesquisas tecnológicas. Também é necessário convencer as pessoas a colaborar.

Fontes: World Energy Council, Greenpeace, Instituto de Energia Eletrotécnica/USP



O importante é pensar com os educandos os fundamentos políticos das várias explicações e justificativas que partem dos mesmos dados para chegarem a diferentes e opostas conclusões, desnaturalizando as causas da crise e o caráter “indiscutível” dos dados, dos números e dos cálculos.

Desenvolvimento 3:

Algumas considerações:

É possível desenvolver algumas atividades específicas que auxiliem na compreensão dos argumentos técnicos levantados nos textos bem como explicações sobre o processo de geração, transmissão e distribuição de energia.

Mas ressaltamos que tais abordagens específicas devem sempre estar articuladas as temáticas desenvolvidas, bem como relacionadas a realidade dos educandos para que assumam uma dimensão significativa, evitando uma apropriação mecânica de informações.

É preciso lembrar que todo conhecimento organizado cientificamente é parte do acúmulo de experiências realizadas pelos homens, seres sociais (desde os primórdios), a partir do constante ato de agir conscientemente sobre a natureza afim de transformá-la segundo suas necessidades. Essas transformações ininterruptas também transformaram os

homens e sua relação com outros homens e permitiram desvendar, planejar, criar e (re) produzir a vida, daí a complexidade das relações sociais constituídas.

Hoje, temos muita dificuldade de, por exemplo, tomar esses conhecimentos acumulados historicamente, sob o nome de física ou matemática, como parte de nosso cotidiano. Os princípios básicos desses conhecimentos fazem parte de nossa vida, utilizamos esses conhecimentos o tempo todo: quando atravessamos a rua; quando deslocamos algum objeto (a Física procura demonstrar o que estamos fazendo em termos científicos, mas mesmo sem nos apropriarmos formalmente destes conhecimentos, continuamos realizando essas ações de forma consciente); quando preparamos nossa alimentação uma série de conhecimentos sistemáticos estão sendo utilizados, que permitem repetirmos a experiência; etc. Portanto, não se tratam de conhecimentos abstratos e temos que ter esse pressuposto na apropriação de qualquer conhecimento, tendo em vista que estes podem nos auxiliar na leitura do mundo real e no planejamento de nossas ações, por isso é necessário refletirmos sobre quais conhecimentos nos interessam apreender e como podemos utilizá-los afim de modificarmos nossa realidade.

Levando em conta estas considerações, segue algumas sugestões de trabalho:

1) **Exercitando a porcentagem:**

Já que estamos abordando a questão da crise energética, podemos utilizar a Ficha 5 - Conta de Luz para verificar alguns cálculos que estão presentes no nosso cotidiano e que normalmente não nos atemos. Tal exercício pode propiciar o debate sobre a necessidade de realizarmos uma análise crítica de valores já calculados que nos são apresentados, que as vezes podem oferecer surpresas.

Calculando a média de consumo de Energia Elétrica

Observe no consumo registrado nos últimos meses, que há uma distribuição irregular. Pode-se inferir que nos meses de Março; Abril e Maio de 2000 não houve consumo de energia. Provavelmente, a casa não estava habitada durante esse período. A média de consumo de março/2000 a fevereiro/2001 foi de 176,83 kWh. É importante calcular a média, pois em alguns casos o valor da conta tem como base a média de consumo dos últimos meses. Isso

ocorre, por exemplo, quando o funcionário da companhia de fornecimento de energia não consegue ler o medidor. No caso do sr. Silva, a média anual de 176,83 kWh, está recebendo a influência dos meses em que a casa ficou vazia. Um consumo médio mais fiel é obtido a partir de Junho/2000 $(256 + 250 + 236 + 236 + 240 + 219 + 241 + 232 + 212) : 9 = 235,77$, valor bem acima da média dos últimos 12 meses.

Conferindo os cálculos

Em geral, confiamos nas companhias que nos fornecem energia. Mas não custa conferir: 220 kWh foram consumidos no mês referido na conta que estamos examinando.

Calculando:

$$30 \text{ kWh} \times 0,06313000 = 1,89$$

$$70 \text{ kWh} \times 0,10821000 = 7,57$$

$$100 \text{ kWh} \times 0,16232000 = 16,23$$

$$20 \text{ kWh} \times 0,18035000 = 3,60$$

Somando os resultados temos: R\$ 29,29. Assim, o cálculo de R\$ 29,29 + R\$ 9,76 = R\$ 39,05 está correto.

O governo cobra imposto de 25% sobre o consumo?

Mas 25% de R\$ 29,29 = R\$ 7,3225, e não R\$ 9,76, como está indicado. O que está acontecendo?

Fazendo algumas explorações e tentativas, vamos descobrir que R\$ 9,76 é 25% sobre R\$ 39,05, que é o montante a ser pago, e não sobre o custo de consumos. Logo, o governo está cobrando um imposto sobre o consumo, e sobre a próprio imposto. É importante saber calcular o preço final dos serviços que consumimos para que possamos reivindicar nossos direitos.

Nesta oportunidade pode-se calcular o percentual real que está sendo cobrado.

Os cálculos realizados com a conta de luz podem suscitar a exploração de outras situações cotidianas que envolvam a porcentagem. Podem ser realizadas algumas atividades que auxiliem no aprimoramento dos cálculos percentuais para o confronto de dados e análise crítica dos valores obtidos. É preciso considerar, no entanto, que tal operação já é realizada

pelos educandos no dia-a-dia, de diferentes maneiras (Ex.: através da decomposição dos números que envolve vários cálculos). Porém, aqui se trata de socializar possibilidades de operar os números através de métodos em que os resultados possam ser obtidos de maneira mais simples e ágil e também permitam a apropriação dos padrões formais.

Portanto, é importante levantar junto aos educandos - a partir de suas necessidades - situações que envolvam consumo, trabalho, remuneração, etc., para melhor compreensão do conceito de porcentagem.

Verificar quais os conhecimentos prévios acerca da porcentagem. O que significa dizer que 60% dos educandos da classe são homens. Significa que, de cada 100, educandos 60 são homens. É importante conceituar que toda porcentagem pode ser escrita na forma de fração.

- $60\% = 60/100 = 3/5 = 0,6$.

- $*5\% = 5/100 = 0,05$

- $0,5\% = 0,5/100 = 0,005$

* observe que 5% é diferente que 0,5%

Exemplo: Se o salário mínimo é de 180 reais e sofre um reajuste de 5%, calcule em reais o valor do reajuste e qual será o novo valor do salário.

Resolução : 5% de 180 é $= 5/100 \times 180 = 9$, logo o reajuste é de 9 reais e o salário passara a valer 189 reais.

Para calcular a porcentagem da tarifa de energia elétrica, podemos proceder da mesma forma:

Hipoteticamente, se a tarifa até um mês atrás era de aproximadamente 0,16 passou a custar aproximadamente 0,18. Subtraindo 0,16 de 0,18 = 0,02, dividimos 0,02 por 0,16 = $2/16 = 1/8 = 0,125$ ou **12,5%**.

2) Estudo da **ficha 4** que deve estar articulada a **ficha 6** no sentido de possibilitar maior compreensão de como se dá a geração, transmissão e distribuição de energia elétrica.

Algumas informações:

As grandes represas, com enorme massa de água, acumula uma enorme quantidade de energia potencial, ou seja, energia que fica "armazenada" num corpo e pode se transformar

em energia cinética. Quando toda aquela massa de água for solta, formará uma forte correnteza que oferecerá energia cinética para mover as turbinas dos geradores para a produção de energia elétrica.

Muitos fenômenos elétricos já eram conhecidos na antiguidade e, desde então, o homem procura explicar suas causas e consequências.

O domínio da eletricidade para utilização pública só aconteceu entre o final do século XIX e o início do século XX. Nesta época, os motores elétricos e a iluminação pública deram partida para o início de um novo estágio de desenvolvimento das forças produtivas.

Atualmente, uma infinidade de aplicações da eletricidade faz parte de nosso cotidiano. E a cada dia, novos instrumentos e aparelhos são inventados e outros tantos, aperfeiçoados.

O advento da eletricidade causou uma verdadeira revolução nos costumes das pessoas que, de maneira muito rápida, incorporaram utensílios e máquinas movidos a energia elétrica.

A corrente elétrica, como o próprio nome sugere, é um fenômeno pelo qual muitos elétrons se movimentam de forma ordenada. Tais elétrons (partículas que constituem a matéria, ou seja tudo que possui massa e ocupa o espaço) se locomovem pelos fios e passam dentro dos aparelhos elétricos, fazendo-os funcionar. Quando ligamos um aparelho à tomada ou a outra fonte de energia, estamos permitindo a circulação de elétrons no seu interior.

Há na tomada uma "força" que faz com que eles se movimentem dentro do aparelho com grande velocidade. Percorrendo o circuito, os elétrons doam parte de sua energia para que este aparelho possa funcionar. Tal "força" é mais conhecida como Tensão ou Voltagem. Na verdade, a voltagem existe nos mais diversos equipamentos e utensílios, desde as potentes locomotivas elétricas até os pequenos circuitos das lanternas. Ela pode ser alta ou baixa, dependendo de onde será empregada.

No caso da energia para o uso doméstico e industrial, a voltagem é relativamente alta e necessita da geração, em maior escala, de energia, que no nosso caso advém do movimento da água nas quedas, que tocam gigantescas turbinas para a produção de energia elétrica.

Termos constantes no texto:

Volt = no sistema internacional é a unidade de medida de diferença de potencial elétrico.

Fusível = dispositivo de proteção de circuitos elétricos, constituído por um material que funde e interrompe o circuito quando a corrente que o percorre ultrapassa um valor determinado.

Eletricidade = designação comum aos fenômenos em que estão envolvidas cargas elétricas em repouso ou em movimento.

Comutador = interruptor

A partir destas informações preliminares, situar os argumentos contidos nos textos.

O fundamental nestes exercícios é buscar uma melhor compreensão sobre o uso dos números. Os resultados podem ser organizados e interpretados de diferentes maneiras. Portanto a "crença" nos dados quantitativos deve ser relativizada. É preciso sempre analisar as situações tomando certos cuidados (buscar compreender o contexto em que se inscreve, as dimensões políticas, sociais e econômicas, etc.) para não realizar uma leitura parcial ou equivocada, não correspondente à realidade dos fatos ou mesmo se tornar refém de análises prontas que afetam decisivamente a vida das pessoas sem poder interferir e modificar essas situações.

ABORDAGEM II

Visa desenvolver junto aos educandos:

- O estudo sobre os modelos de desenvolvimento e a dependência econômica;
- O Estudo sobre a América Latina nas suas dimensões culturais, econômicas, políticas;
- O debate sobre os desdobramentos da organização do Mercosul e Alca: Integração *versus* absorção;
- A introdução da Língua Espanhola a partir de mediações com textos e músicas;
- O estudo da história e organização das atividades produtivas.

Materiais utilizados:

Ficha 9: Música: Gracias a la Vida, de Violeta Parra;

Ficha 10: Música: Recuerdos de Ypacaraí, de Zulema de Mirkin e Demetrio Ortiz; **Ficha 11:** Padrões de Dominação Externa na América Latina, de Florestan Fernandes; **Ficha 12:** Metáfora da Globalização, de Octávio Ianni;

Ficha 2: Memórias Póstumas de Brás Cubas - Cap.VII, de Machado de Assis.

Subsídio para os Educadores:

Ferreira, Oliveiros S. *Nossa América: Indoamérica*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1971. (anexo)

Furtado, Celso. O capitalismo global. Rio de Janeiro : Paz e Terra (módulo 3)

Desenvolvimento 1:

O tema central desta abordagem é a América Latina como unidade histórica, econômica, social e cultural. A partir deste eixo é possível articular a diversas fichas propostas.

Deve-se iniciar a atividade com uma leitura coletiva da **Ficha 12**. Esta primeira leitura, poderá servir para delimitar as eventuais dificuldades de compreensão do texto.

Uma segunda leitura ajudará a compreender as transformações que estão ocorrendo no mundo, no país, na nossa cidade e nas nossas vidas, como resultado do processo histórico, ou seja, fruto da ação de mulheres e homens, e não como decorrência natural do progresso: *"A terra mundializou-se, de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua significação histórica."*

O texto da ficha sugere que estamos vivendo um momento de ruptura epistemológica (epistemologia é essencialmente o estudo crítico dos princípios, dos métodos, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências), o autor compara as atuais transformações com outros momentos da História nos quais houve profundas alterações na maneira de compreender e explicar o mundo.

No século XVI, Nicolau Copérnico, astrônomo polonês, demonstrou o duplo movimento dos planetas (inclusive da Terra) em torno de si mesmos e em torno do Sol. Ainda que não fosse o criador do heliocentrismo (teoria que coloca o Sol no centro do sistema planetário), Copérnico com seu tratado sobre as revoluções do mundo celeste, abalou definitivamente a teoria astronômica de Ptolomeu, que vigorava há 14 séculos, e, era defendida pela Igreja Católica, teoria esta que postulava ser a Terra o centro do universo.

A segunda ruptura a que se refere o autor é a Teoria da Evolução das Espécies, do inglês Charles Darwin, que viveu no século XIX.

Esta teoria demonstra que através dos tempos as espécies foram se tornando mais aptas ao meio ambiente e evoluindo, ou menos aptas e perecendo. A teoria de Darwin vem substituir outras teorias de evolução como a de Lamarck, por exemplo.

A diferença fundamental entre estas duas teorias é que enquanto Lamarck postulava que indivíduos de uma determinada espécie poderiam evoluir para tornarem-se mais aptos ao meio ambiente circundante, Darwin postula que tais evoluções não se dão ao nível dos indivíduos mas sim das espécies.

Isso quer dizer, por exemplo, que as girafas não esticaram o pescoço afim de alcançar as folhas mais novas e tenras da árvores, o que de fato acontece é que as girafas que, por

qualquer razão, tinham os pescoços mais compridos, tiveram mais chances de sobreviverem e procriarem em épocas de escassez de alimentos. Já os indivíduos desta espécie com os pescoços mais curtos não sobreviveram nem procriaram em condições adversas. Portanto, a teoria de Darwin é da evolução das espécies e não dos indivíduos.

A terceira ruptura, que teria abalado a maneira dos homens verem-se no mundo, seria provocada pela Psicanálise (uma área da Psicologia), segundo o criador desta teoria, o alemão Sigmund Freud, o homem não seria senhor dos seus próprios pensamentos, agindo muitas vezes por razões inconscientes.

Estas três teorias: do homem como o centro do universo, como criação divina e senhor dos próprios pensamentos, foram abaladas, segundo o autor, por rupturas epistemológicas. O autor do texto da ficha sugere ainda, que a chamada globalização também seria uma ruptura.

Seria interessante que todos debatesses, a partir de uma aula expositiva, se o atual estágio de expansão capitalista é de fato uma ruptura, ou se é apenas o desdobramento de formas de exploração econômica e dominação política, próprias desse sistema. O discurso predominante sugerindo que vivemos novos tempos, seria apenas forma ideológica de ocultar a maneira histórica pela qual se constitui este tipo de sociedade.

Desenvolvimento 2:

Com a **Ficha 11**, de Florestan Fernandes, cada educador deverá avaliar a melhor maneira de iniciar a atividade. Se julgar que os educandos já possuem referências sobre o assunto, o estudo em grupo pode ser mais produtivo, caso contrário seria preferível uma aula expositiva.

O autor nos apresenta a América Latina como fruto da “expansão da civilização ocidental”, mostrando que o “descobrimento” da América é fruto de um tipo moderno de colonialismo organizado e sistemático e não de fortuitos eventos. A colonização é um feito do capital comercial.

Para este autor a América Latina insere-se, desde quando foi ocupada pelos europeus, no sistema econômico mundial, ainda que de forma dependente e complementar.

Nos diferentes momentos da evolução capitalista, a economia do território latino-americano sempre esteve atrelada às economias das nações hegemônicas: Espanha e Portugal inicialmente, Holanda e Inglaterra depois e, Estados Unidos desde o século passado (século XX).

Essa dependência econômica teve, e tem, implicações políticas e culturais enormes. Da Espanha e de Portugal herdamos as línguas e a religião, por exemplo. Os idiomas Português e Espanhol, assim como o Francês e o Italiano, entre outros, tiveram origem no Latim (falado no Império Romano), daí a designação de América Latina aos países da América que falam línguas latinas. O Conceito de América Latina transcende os limites da língua, abrangendo os países que têm uma relação histórica, econômica, política e cultural, subordinada às nações capitalistas hegemônicas. O conceito de América Latina é aplicado mesmo a países nos quais fala-se línguas não latinas como Jamaica (inglês), Suriname (holandês), Guiana (Inglês), por exemplo.

A observação do mapa é sempre importante, mesmo que os educandos já tenham feito atividade semelhante, pois a cada atividade, novas informações são incorporadas. Assim, é importante mostrar que a América Latina vai da fronteira mexicana com os Estados Unidos até a Patagônia no sul da Argentina, incluindo países da três Américas: México na América do Norte, e os países das Américas Central e do Sul.

O educador poderá inserir o descobrimento da América no contexto da expansão do capitalismo comercial europeu dos séculos XV e XVI.

É uma excelente oportunidade para fazer ver que o tempo histórico obedece a outras ordens de grandezas, diferentes do tempo de vida das pessoas. Os 500 anos do descobrimento da América (1992) ou do Brasil (2000), parecem muito, se comparado com a expectativa de vida das pessoas. Entretanto, em termos de história essa grandeza pode ser relativizada.

Ficando no contexto histórico que precede as grandes navegações é importante lembrar que Portugal e Espanha (neste caso mais precisamente os Reinos de Aragão e

Castela), haviam se constituído como unidade nacionais na luta para expulsarem os mouros (árabes muçulmanos) que ocuparam a Península Ibérica (espaço geográfico ocupado por Espanha e Portugal) por mais de 800 anos. Levando esse dado histórico em consideração talvez devêssemos dizer, os que somos descendentes de europeus e africanos, que estamos aqui a “apenas” 500 anos.

Desenvolvimento 3:

A partir das discussões anteriores sobre a América Latina seria interessante abordar o tema da integração econômica entre os países das Américas (Mercosul e ALCA).

Antes de iniciar as discussões verificar quais os conhecimentos acumulados sobre essa integração, e quais as fontes de informação.

As experiências de integração dos países latino americanos sempre esbarraram no fato de suas economias não serem complementares mas, pelo contrário, freqüentemente concorrentes.

A última experiência, que inclui o Brasil, é o Mercosul, que também inclui a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

Neste momento o Mercosul está ameaçado, pois os norte-americanos estão pressionando os governos de todos os países das Américas (exceto Cuba) para formarem um único bloco econômico, a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). O único país que oferece alguma resistência à essa integração aos Estados Unidos é justamente o Brasil, que mesmo tendo a maior economia entre os latinos, tal economia corresponde a menos de um décimo da economia dos Estados Unidos.

O argumento em defesa da ALCA é de que é preciso liberar as fronteiras, entretanto, os mesmos defensores desse argumento, os governos dos países centrais do capitalismo, entrincheiram-se em blocos protecionistas: o Japão no Bloco Asiático, os europeus no Mercado Comum Europeu (MCE) e os Estados Unidos que já formam com Canadá e México o Nafta (Mercado Comum da América do Norte).

Entretanto, faz-se mister observar que há uma enorme diferença entre a ALCA e o MCE, pois neste há um relativo equilíbrio entre as maiores economias. Os quatro maiores países do bloco (Alemanha, França, Itália e Inglaterra), têm economias de tamanho semelhante.

No caso da ALCA, o desequilíbrio é total, a economia dos Estados Unidos é maior, bem maior, que a soma das economias da América Latina. Veja quadro abaixo.

Números de países da ALCA	PIB Total da ALCA	PIB dos Estados Unidos	PIB dos países restantes
34 países	US\$ 11,485 tri	US\$ 8,915 tri 77,6% do PIB da ALCA	US\$ 2,570 tri 22,4 % do PIB da ALCA

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 17.06.01, pg. B5

A partir das fichas desta abordagem (7,6,8,) torna-se oportuno estudar o continente Americano:

As três Américas: estudar as características topográficas e climáticas por exemplo, verificando como tais características determinaram a forma de ocupação.

Por exemplo, no Sul da América do Sul existe uma enorme planície, os pampas Argentino, Uruguaio e Brasileiro, esta região por ser propícia à pecuária concentra enormes rebanhos de gado nos três países.

O norte do Canadá com suas florestas uniformemente constituídas de árvores coníferas induziu a instalação de indústrias de extração de madeiras e de produção de papel.

O meio físico ou geográfico interessa-nos não como curiosidade, mas para ajudar a entender as formas de ocupação humana, ou a impossibilidade dessa ocupação.

Desenvolvimento 4:

Machado de Assis é um escritor latino americano que nasceu no Rio de Janeiro e ali viveu entre meados do século XIX e princípio do XX, sendo considerado o maior escritor brasileiro.

Através de um texto literário, **Ficha 2**, Machado vai nos ensinando que a história da humanidade é construída por toda humanidade e não por supostos grandes homens ou pelos Estados (países), são os homens e mulheres que em condições históricas dadas vão procurando superar as contradições da sociedade em que vivem: “...fazia-se a história e a civilização,...”.

É a humanidade que surgindo nua e desarmada, “...armava-se e vestia-se,...” . É a humanidade, não este ou aquele príncipe ou imperador, que “...construía o tegúrio e o palácio, a rudê aldeia ou a Tebas de cem portas,...”.

Como vemos em nenhum momento Machado faz referência aos tiranos de Tebas (Cidade-Estado grega que experimentou seu apogeu no século IV a.C.).A construção de modestas cabanas ou palácios, de pequenas aldeias ou grandes cidades são construções de homens e mulheres em condições históricas determinadas.

Machado, mostra ainda que a humanidade chamou de ciência o método que criou para perscrutar (averiguar minuciosamente, indagar, investigar, sondar) a vida e o mundo. Machado mostra também que a arte não é algo apartado dos humanos, algo que habita um lugar mágico ao qual poucos podem chegar, não, a humanidade chamou de arte a sua capacidade de fruição dos sentidos em seu nível mais sublime, “... criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva...”.

Machado (1839-1908), assim como Marx (1818-1883), seu contemporâneo, e Gramsci (1891-1937), mostra que o homem é uma totalidade “... fazia-se orador, mecânico, filósofo,...” ., é importante notar que estas atividades humanas estão separadas por vírgulas e não pela conjunção alternativa *ou*, nós não somos oradores ou mecânicos ou filósofos, somos todas essas coisas todo o tempo.

Machado, que escreveu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881, já nos preparava para ver: primeiro o processo de globalização; depois o desenvolvimento tecnológico que tornou possível extrair petróleo das profundezas da terra, por exemplo; e

ainda a conquista do espaço. Todos esses eventos são tratados por Machado como construções históricas isto é escolhas humanas e não como desenvolvimento natural. No caso da globalização, conquista de “cientistas” das companhias de petróleo, no segundo caso, ou das agências espaciais soviéticas ou americanas, no terceiro: “... e o homem, (...) corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens...”.

No trecho final deste mesmo parágrafo, Machado deixa claro que toda a transformação da natureza é resultado da colaboração (trabalho em comum com os outros na mesma obra) de toda a humanidade, para suprir a eterna “necessidades da vida” e, quando através de uma nova divisão do trabalho e do produto deste, passar do reino da necessidade para o reino da liberdade, se poderá superar “a melancolia do desamparo”.

O texto de Machado propicia uma excelente oportunidade para se debater a pertinência de uma educação integral, pois somos todo tempo filósofos, mecânicos, oradores, etc...

Propor aos educandos que elaborem algo que retrate a síntese do texto, seja em forma de produção literária, desenhos, charges, ou mesmo o resultado de um trabalho cotidiano.

Desenvolvimento 5:

Antes de iniciar o desenvolvimento das **Fichas 9 e 10** é importante contextualizar em quais países se fala o idioma espanhol, mostrando no mapa esses países.

O espanhol com cerca de 300 milhões de falantes é a segunda língua mais falada no Ocidente, tendo menos falantes apenas em comparação com o inglês, é também a terceira língua mais falada no mundo, a primeira é o Mandarim falado por mais de 800 milhões de chineses.

Na Espanha, em sua forma oficial, o castelhano (outro nome para a mesma língua), é a língua de ampla maioria da população com algumas zonas bilingües (País Basco, Catalunha, Baleares e região do Levante).

Aqui, na América Latina, em quase todos os países o espanhol é a língua oficial, a maior e mais importante exceção é o Brasil que tem o português como língua oficial.

Na América Latina o espanhol sofre a influência das línguas indígenas o que, entretanto, não impede a comunicação entre o espanhol americano e o espanhol europeu.

O espanhol é ainda amplamente falado no sul e no oeste dos Estados Unidos, em Porto Rico e nas Filipinas.

O espanhol, assim como o português, o francês e o italiano estão entre as línguas que tiveram origem no latim.

Trabalhando com as **Fichas 9 e 10** e com as fitas.

A sala deverá ouvir a música e acompanhar lendo a ficha. Esse procedimento deverá ser repetido várias vezes afim de que cada um seja capaz de entender separadamente cada palavra, além de verificar que o som de alguns fonemas, não é o mesmo em espanhol e português.

A seguir, verificar qual a compreensão do grupo a respeito da música, quais os trechos melhor compreendidos e os trechos que apresentam maior dificuldade, assim como as palavras.

Após esse momento o educador deverá apresentar a tradução da música, notando que não apenas as palavras são substituídas como a própria estrutura da frase pode mudar.

Tradução de *Gracias a la vida*:

Graças (agradecimentos) à vida

Graças à vida que tem me dado tanto
Deu-me dois faróis (olhos) que quando os abro
Distingo perfeitamente o preto do branco
E no alto céu, seu fundo estrelado
E nas multidões o homem que eu amo

Graças à vida que tem me dado tanto
Deu-me o ouvido que em toda sua amplitude
Grava noite e dia grilos e canários
Martelos, turbinas. latidos, chuvaradas
E a voz tão terna do meu bem-amado

Graças à vida que tem me dado tanto
Deu-me a fonação (capacidade de emitir sons) e o abecedário
Com ele as palavras com as quais penso e falo
Mãe, amigo, irmão e luz iluminando
A rota da alma daquele a quem estou amando

Graças à vida que tem me dado tanto
Deu-me o caminhar dos meus pés cansados
Com eles andei cidades e charcos
Praias e desertos montanhas e prados
E à casa tua, sua rua e seu quintal.

Graças à vida que tem me dado tanto
Deu-me o coração que agita suas batidas
Quando olho para o fruto do cérebro humano
Quando vejo o bom tão longe do mau
Quando olho o fundo dos teus olhos claros

Graças à vida que tem me dado tanto
Tem me dado o riso e me dado o pranto
Assim eu distingo alegria de sofrimento
Os dois materiais que formam meu canto
E o canto de vocês que é o mesmo canto
E o canto de todos que é o meu próprio canto

E o canto de vocês que é o meu próprio canto

Tradução de *Recuerdos de Ypacaraí*

Lembranças de Ypacaraí

Numa noite morna nos conhecemos

Junto ao lago azul de Ypacaraí

Tu cantavas triste pelo caminho

Velhas melodias em guarani

E com o feitiço de suas canções

la renascendo teu amor em mim

E na linda noite de lua cheia*

De tuas brancas mãos senti o calor

Que com suas carícias me deu o amor

Aonde estás agora cunhatai

Que o teu suave canto não chega a mim

Aonde estás agora

Meu ser te adora com frenesi

Tudo me faz lembrar de ti meu doce amor

Junto ao lago azul de Ypacaraí

Tudo te lembra

Meu amor te chama Cunhatai

O aprendizado de outra língua implica em conhecer uma nova forma de ler, escrever e também de falar.

Afim de nos habituarmos com a sonoridade da nova língua devemos ouvir discos, fitas e CDs, cantados em espanhol, além de assistir filmes, procurar ler textos e conversar com pessoas que conheçam a língua.

Buscando facilitar o aprendizado, a partir do português, chamaremos a atenção nos textos estudados para as diferenças na pronúncia ou para a forma correta de pronunciar letras que não são usadas em português.

Após ouvir algumas vezes as músicas, todos terão percebido algumas diferenças entre a pronúncia do espanhol e do português. Vejamos alguns exemplos:

Começemos pela música *Gracias a la vida*.

Importante: sempre que nas explicações em português usarmos alguma palavra em espanhol iremos grafá-la em *itálico* e, quando nos referirmos à sua pronúncia aproximada em português, o faremos em **negrito**. Exemplo: *estrellado* > **estrelhado**.

Na primeira estrofe, quarta linha, a palavra *estrellado* é escrita com o duplo *l* que não é usado em português. Para o *ll*, embora haja regiões em que é pronunciado como “dj” ou como “j”, em Buenos Aires, por exemplo, adotaremos a pronúncia mais comum na Espanha que é a mesma do “lh” do português. Assim, pronunciamos **estrelhado**.

Outro exemplo de pronúncia diferente pode ser encontrado na mesma estrofe, última linha a palavra *yo*, a letra “y”, ípsilon (que é usada em português, somente em abreviaturas ou nos derivados vernáculos de nomes estrangeiros), em espanhol é a letra *i griega*. O *y* é pronunciado muitas vezes como “j” ou como “dj”, dependendo da região. Aqui adotaremos a pronúncia “i”, mais comum na Espanha, a não ser nas palavras *yo* e *ya*, para as quais as pronúncias mais gerais são, respectivamente, **djo** e **dja**. No exemplo: *yo* > **djo**.

Na segunda estrofe, segunda linha, aparece a palavra *ancho*. O *ch*, em espanhol, é considerado como uma letra. Sua pronúncia equivale a “tch” em português. No exemplo: *ancho* > **antcho**.

Na quarta estrofe, quarta linha, a palavra *desierto*, em português o “s” entre vogais é pronunciado como “z”, em espanhol praticamente não se usa o som do “z” em português, pronuncia-se como “ss”. No exemplo: *desierto* > **dessierto**.

Na linha seguinte a palavra *tuya*, que a cantora pronuncia **tuja**, com sotaque portenho (portenho refere-se somente aos habitantes de Buenos Aires e portanto não é sinônimo de argentino).

Na quinta estrofe, segunda linha, *corazón*, como já vimos o som do “z” português praticamente não é usado em espanhol, deve ser pronunciado como “ss” ou como “ç”. No exemplo: *corazón* > **coraçom**.

Na mesma linha *agita*. O *g* antes de *e* e *i* (*ge*, *gi*) e o *j* antes de qualquer vogal são pronunciados como “h” aspirado (um “r” bem fraco), ou seja, como se soltássemos o ar com força pela garganta. No exemplo: *agita* > **ahita**.

Ainda na quinta estrofe, quarta linha, *lejos*, vale a regra anterior, portanto: *lejos* > **lehos**.

Na música *Recuerdos de Ypacarai*, na quarta estrofe, segunda linha, *suave*. Notar que o cantor pronuncia um som mais perto do “b” que do “v”, algo como **suabe**. O *v* espanhol terá sempre som muito próximo do “b” português assim: *vaca* > **baka**.

Outras diferenças serão apresentadas nos próximos módulos como as das vogais, entretanto estas diferenças são mais sutis.

ABORDAGEM III

Visa desenvolver junto aos educandos:

- A análise da realidade a partir de nossas experiências e de nosso repertório construído através dessas vivências, sejam elas objetivas ou subjetivas, e determinadas pelas relações sociais que são fruto das relações de produção historicamente constituídas;
- O debate sobre as alternativas de renda e a exploração.

Material utilizado:

Ficha 8: *O Semeador*. Pe. Vieira

Ficha 3: *A cerca do real*. Marilena Chauí

Subsídio para os Educadores:

Bihl, Alain. *A crise ecológica*. In. *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998. (Módulo 3)

Desenvolvimento 1:

Antes de iniciar o desenvolvimento da **ficha 3**, de Chauí, seria interessante que o educador organizasse uma pequena exposição com alguns objetos que façam parte do cotidiano dos educandos. É importante que nesta amostra estejam contemplados objetos não só de uso pessoal, mas também objetos ligados aos vários tipos de trabalho formal e informal.

Cada educador deverá estipular um tempo para que os educandos possam observar esses objetos. A seguir pedir aos educandos que façam comentários sobre os objetos de maneira bem espontânea, para que digam suas impressões, partindo das seguintes questões:

Quais objetos são mais significativos? Por que o são? Qual a relação desses objetos com a suas vidas? Etc.

O objetivo desse exercício é sensibilizar os educandos para que possam refletir sobre como somos indiferentes a algumas coisas da realidade e, como outras passam a ter um significado diferenciado a partir de nossas vivências.

Após esse exercício de sensibilização, em grupo, os educandos deverão, primeiramente, realizar uma leitura da **Ficha 3**, de Chauí. Cada membro do grupo deverá grifar as palavras que lhe são desconhecidas, para que ao final da leitura cada membro do grupo possa compartilhar com os demais as suas dúvidas a fim de esclarecê-las em grupo. Caso o grupo não consiga solucioná-las deve-se recorrer ao dicionário para que nenhuma palavra fique sem significado. A seguir o grupo deve fazer uma nova leitura detalhada do texto, destacando elementos, trechos mais significativos, para facilitar uma retomada do texto.

A seguir cada grupo deverá organizar uma síntese do texto, para que todos possam expressar seu entendimento do texto. Se for possível é preferível que essa síntese seja feita em cartaz, o que facilitará a apresentação para os demais grupos.

Na plenária cada grupo deverá apresentar sua síntese e, após a apresentação abrir para debate. Neste momento é importante que o educador verifique se os trechos mais significativos do texto apareceram, caso não tenham aparecido intervir nas discussões suscitando os pontos que considerar mais relevantes.

Após o debate seria interessante que o educador propusesse aos educandos uma nova análise dos objetos que foram apresentados inicialmente, a fim de verificar se houve alguma mudança na percepção do grupo, já que neste momento o grupo deve ter ampliado o seu repertório.

Prosseguindo neste desenvolvimento, seria interessante levantar o tema sobre reciclagem de lixo e alternativa de trabalho e renda.

Pensando nos catadores de lata de alumínio, a lata é vista como fonte de renda. Um exemplo hipotético: numa festa, para a maioria das pessoas as latas de cerveja cheias é a que são as mais procuradas, mas, para aqueles que têm como fonte de renda a venda de latas, o que interessa são as latas vazias, assim sua visão passa por uma relação econômica. Para os

primeiros a relação com a lata é de prazer e, para o segundo, a relação é de fonte subsistência.

Seria interessante comparar com a montanha, do texto de Marilena Chauí, e pensar que outras visões pode-se ter sobre a mesma lata de cerveja, a visão do capitalista que produz cerveja, do desenhista da lata, do carregador de latas, do alcoólatra, de quem tem sede, de quem está enjoado, etc.

Muitas vezes os trabalhadores que vivem da coleta de materiais recicláveis são denominados excluídos, mas é preciso aprofundar o debate e verificar de que são excluídos, já que fazem parte, rigorosamente, da cadeia produtiva e são consumidores, mesmo no limite da subsistência, não estando, portanto excluídos do sistema produtivo e, sim, do direito à saúde, à educação, à moradia, etc. Estão excluídos das políticas públicas, embora fazendo parte do sistema produtivo.

Pensando no discurso ideológico, como aparece a reciclagem de lixo?

É sempre a partir da defesa do planeta, é claro que quanto menos lixo acumularmos melhor para o planeta. Porém, o incentivo à reciclagem de lixo tem base econômica primeiramente, já que para as grandes indústrias é mais barato comprar alumínio dos prensistas (intermediários entre os catadores e a indústria), do que comprar diretamente das grandes metalúrgica de alumínio.

Os prensistas ganham muito com a exploração de mão-de-obra, que muitas vezes é voluntária, ou tão mal paga que garante aos catadores apenas o suficiente para mantê-los no limite da subsistência. O discurso ideológico aborda apenas os benefícios para o meio ambiente, ocultando, como é próprio deste tipo de discurso, as razões econômicas do incentivo à reciclagem.

A visão crítica da realidade é que poderá fazer com que possamos desnudar as reais forças que estão determinando os diferentes modos de produção e reprodução da vida. Por isso, os debates em torno das alternativas de trabalho e renda, por um lado, levam em conta as reais possibilidades de se encontrar alternativas que garantam a sobrevivência e, por outro lado, vinculam-se à necessidade de uma educação integral dos trabalhadores pelo trabalhadores, para que possamos melhor conhecer, através do debate e da reflexão, as

contradições presentes em nossa sociedade, percebermos que só existem os “excluídos” porque existe também os “super incluídos”, que se beneficiam de financiamento barato para seus empreendimentos capitalistas ou, recebem juros altíssimos quando financiam a dívida do governo.

Assim, as alternativas de trabalho e renda, dependem também da nossa capacidade de pressionarmos os poderes públicos para que invertam as prioridades, aplicando de maneira democrática os recursos públicos.

Lembrando que neste módulo devemos realizar uma **Ação Coletiva** que tem como objetivo promover um debate entre os educandos e comunidade com o poder local, cabendo-nos a partir da perspectiva cutista, defender nosso projeto de desenvolvimento sustentável e solidário.

É objetivos da mesma ação coletiva, conhecer iniciativas de alternativas de trabalho e renda que estão em andamento em cada localidade, inclusive as do movimento sindical, bem como verificar qual a participação do poder público nestas iniciativas, já que fundamental que as verbas públicas sejam efetivamente usadas para fins públicos.

Desenvolvimento 2:

A **Ficha 8**, *O Semeador* de Padre Vieira, mostra a atualidade de seus sermões. Vieira (Lisboa 1608-Bahia 1697), viveu entre Brasil e Portugal.

Suas melhores obras são aquelas em que toma posição de combate em defesa do homem. Considerado um gênio combativo, Vieira transpõe nos seus sermões as grandes causas de seu tempo: a defesa do índio e do negro contra a escravidão; a defesa dos judeus e cristãos-novos contra a perseguição inquisitorial.

Seus sermões tem como característica a seguinte organização: inicialmente propõe um problema, depois descobre esta proposição, mostrando a interdependência de suas partes. Em seguida, levanta uma hipótese, demonstrando-a ou justificando-a, confirmada a hipótese, essa é transformada em tese.

Assim, o raciocínio de Vieira pode ser representado por um círculo, porque volta sempre ao ponto de partida.

O sermão da sexagésima é a obra-prima da sermonística de Vieira. Nele o pregador teoriza sobre a arte de pregar, propondo a primazia do conceito, sobre o jogo de palavras.

Um bom exercício é, a partir da ficha, ir seguindo a organização que propõe Vieira.

Após solicitar aos educandos que elaborem um texto recuperando a respeito de suas histórias de vida focado nas iniciativas de sobrevivência. Pensando nas iniciativas que não deram certo (pereceram), mas acima de tudo naquelas que germinaram e deram frutos, mesmo que durante um pequeno período. O objetivo desse exercício é que cada um pense não só nas grandes vitórias, mas também nas pequenas vitórias que muitas vezes passam despercebidas.